



## GUERRA IRÃ X IRAQUE: A MILITARIZAÇÃO DO COTIDIANO EM *VEJA* (1980)

David Anderson Zanoni<sup>1</sup>

*A cidade é o resultado da guerra ou, pelo menos, da preparação para a guerra; neste sentido a tendência geral não é a economia, mas a guerra (Virilio, 1984, p. 15).*

### Introdução

“O Irã golpeado: Guerra no mundo do petróleo”, este era o título de capa na edição n. 630 datada de 1º de outubro de 1980 da revista *Veja*. O tom do título deixa claro que a importância da cobertura na região é muito mais no caráter econômico (petróleo) do que social ou humano (as pessoas envolvidas no conflito, civis principalmente). Além disso, o “Irã golpeado”, se observado sem analisar o contexto das edições passadas não seria mais que uma escolha pelo acaso, entretanto, tendo em vista que a guerra envolvia Irã e Iraque, então, por que apenas o Irã aparece na chamada do semanário? Seria porque, lendo a reportagem interna, a revista descreve que foi o Iraque que tomou a iniciativa de atacar o Irã?

Poderíamos passar as próximas páginas apenas elencando elementos para responder as questões levantadas, contudo, vamos resumidamente dizer que o processo revolucionário iraniano, o qual destronou uma monarquia autocrática e repressiva que perdurava quase quarenta anos (1941-1979), foi amplamente reportada por *Veja*. Essa destituição do império de Mohammed Reza Pahlevi (o xá da Pérsia) foi extremamente prejudicial aos interesses econômicos e geopolíticos estadunidenses, sendo que os Estados Unidos tinham o Irã do xá como uma espécie de protetorado no Oriente Médio. Além disso, vale lembrar que *Veja* é uma revista criada aos moldes das newsmagazines americanas (Time e Newsweek), apesar de o período inicial (1968-74) ser

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF). E-mail: david\_zanoni@hotmail.com

discutível, uma vez que tinha como chefe de redação o ítalo-brasileiro Mino Carta. Em resumo, *Veja* era, no período em que estamos realizando este estudo, alinhada e defensora dos valores ocidentais, democrático-liberais e cristãos, idealizados e tipos como leitura de mundo ideal pela sociedade norte-americana principalmente.

Assim, a revista estampou suas páginas, em outubro de 1980, noticiando o início dos conflitos entre Irã e Iraque que perdurariam os próximos oito anos. Na mesma edição, na chamada reportagem de capa, mais precisamente na sessão internacional, *Veja* dava início a cobertura dos eventos com o seguinte título: “As chamas da guerra no golfo Pérsico: liberando velhos ódios, Irã e Iraque desatam um conflito em que todos podem perder”. (VEJA, 01/11/1980, p.30). O primeiro parágrafo da notícia relata,

Para grande surpresa do Irã, o “Grande Satã” tantas vezes vislumbrado pela revolução islâmica do aiatolá Khomeini acabou se materializando no golfo Pérsico na semana passada. Ele veio acompanhado de um séquito de tanques, tropas e aviões de combate e navios de guerra, e com as piores intenções: derrotar militarmente o regime dos turbantes instalado em Teerã e sagrar-se guardião da região que fornece quase 60% do petróleo de todo o ocidente. (VEJA, 630, 01/11/1980, p.30)

Começando pelo título da reportagem, para além da retórica de atrito com os Estados Unidos, a qual é freqüente nas reportagens, questão brevemente exposta acima, mas que não iremos nos ater profundamente neste artigo, o tom irônico e sarcástico da revista é uma marca comum no semanário. Contudo, nos interessa observar no trecho acima a questão que está posta em nosso resumo, ou seja, observar a militarização do cotidiano nas páginas de *Veja*, neste caso analisando seu discurso acerca dos embates entre Irã e Iraque no período já referido. Assim sendo, observamos que o semanário descreve a ofensiva iraquiana sobre o Irã, listando o poderio bélico dos iraquianos e seus objetivos neste conflito. Novamente, da mesma forma que a capa, salienta-se a questão do petróleo, o que expõe a preocupação do periódico com relação aos desfechos deste conflito para o ocidente.

A partir deste esboço inicial, como apresentado no resumo deste estudo, propomos utilizar os conceitos e ideias oferecidas por Paul Virilio, arquiteto e urbanista francês, ex-militar e conscrito na Guerra da Argélia (1954-1962), período em que os argelinos lutaram pela sua independência contra a França. Segundo Ronaldo Queiroz de Moraes, efetuando uma leitura das obras de Paul Virilio e, inclusive, nomeando-o de “pensador do instante contemporâneo”,

A experiência da guerra que lhe acompanha desde a infância e sua atuação como conscrito na Guerra da Argélia o colocou diante da máquina-de-guerra, da mutilação dos corpos e da morte. Não obstante, a guerra para ele se coloca como sua Universidade e como fonte de formação intelectual, daí sua posição de filósofo-estrategista de uma guerra que opera em nosso cotidiano, de uma guerra que não é contabilizada, que reduz suas “baixas” à fraseologia jornalística do acidente. (Morais, 2002, p.39).

Portanto, pensamos ser necessário fazer a devida apresentação do autor, uma vez que no Brasil Virilio é pouco citado em obras acadêmicas, porém, para nossa grata surpresa, um teórico com muitas obras traduzidas no Brasil, que nos foi apresentado nas aulas de História e Política do PPGH da Universidade de Passo Fundo e que muito pode acrescentar ao nosso trabalho, epistemologicamente falando. Sendo assim, tratando-se de militarização do cotidiano, termo este cunhado pelo nosso autor, recorreremos às suas ideias, uma vez que o autor observa a constituição urbana a partir da guerra. Para Virilio, a guerra é o fator definidor dos aspectos urbanos, ou seja, a sociedade, neste caso em termos de organização urbana espaço e tempo, esta condicionada pelo conflito armado. Nas palavras do autor.

O espaço urbano é o espaço de preparação da guerra, é a logística açambarcando a economia política. A economia de guerra perverte-se no mundo contemporâneo, a logística decreta o fim da racionalidade econômica e a cidade não controla mais sua própria guerra. A máquina-de-guerra, de destruição de massa, age a serviço do consumo massificado, provocando o não-desenvolvimento e o fim da cidade na crise da representação pública (Virilio, 1994, p. 91).

Virilio demonstra claramente que a guerra é elemento primeiro no espaço urbano. Normalmente pensa-se que o caráter econômico é que molda ou determina os esforços de guerra, ou seja, o aparato militar e os recursos humanos que farão a defesa ou o ataque dos centros urbanos. Porém, a guerra é que determina estes elementos econômicos e humanos, pois são a partir das necessidades apuradas pelos estados em conflito que, por exemplo, a indústria bélica será acionada para suprir a demanda apresentada.

A análise da imprensa no tempo presente, ou seja, a cibercultura, o imediatismo midiático ou a instantaneidade informacional existente é mais um elemento que se tornou alvo de críticas do autor francês. Desde os anos 1970, onde a tecnologia da informação ainda estava nos seus primórdios Paul Virilio já apresentava esta questão. Importante salientar que tal fator é muito interessante, visto que hoje nos deparamos com essa imediata assimilação das notícias em tempo real, chamado pelo autor de “a arte do motor” em uma de suas obras. Considerado um autor pós-moderno ou do movimento pós-modernista, Virilio enquadra-se na corrente da história cultural francesa.

No que diz respeito ao discurso, pretendemos utilizar como referencial teórico e dispositivo de interpretação os conhecimentos oriundos da Análise de Discurso de matriz francesa, mais precisamente Pecheutiana (1960), no Brasil introduzida e atualmente tendo como referência a autora paulista Eni Orlandi (1970). Segundo esta autora,

[...] a Análise de Discurso teoriza a interpretação, isto é, coloca a interpretação em questão. Nesse sentido, o estudo do discurso distingue-se da Hermenêutica. A AD visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A AD não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. (ORLANDI, 2007, pp.25-26)

Como ressalta Orlandi, objetivamos observar e compreender a produção de sentidos produzidos pela imprensa, neste caso por *Veja*, ao retratar os eventos da guerra entre Irã e Iraque. Desta forma procurando entender como o periódico transpõe os fatos à luz da ideologia constitutiva daqueles que o dirigem e quais os interesses intrínsecos nesta ideologia ou valores defendidos.

A partir disto, procuraremos analisar duas edições que irão compor o *corpus* deste estudo. Trata-se das edições números 630 e 631, datadas de 1º e 8 de outubro de 1980 respectivamente. A escolha destas duas edições se dão pelo fato de terem sido, ambas, capas do semanário, além de entendermos que tais edições dão conta de retratar nosso objetivo com este estudo, pois introduzem a transposição acerca dos eventos do conflito entre Irã e Iraque. Importante salientar que tal estudo das reportagens será realizado igualmente a luz de duas obras estudadas e discutidas na disciplina de História e Política II, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH-UPF) no segundo semestre de 2016. As obras referidas são: “Guerra Pura: a militarização do cotidiano” e “A arte do motor”, ambas do filósofo e urbanista francês Paul Virilio, além da já referida Análise de Discurso como instrumento metodológico de pesquisa.

### **O contexto iraniano e as relações com os Estados Unidos (1979-1980)**

Antes de adentrarmos no estudo propriamente dito, acreditamos ser importante contextualizar as relações entre Estados Unidos e Irã que antecedem o conflito supracitado e que será objeto de análise deste artigo. Sendo assim, a revolução iraniana (1978-1979) foi um marco nas

relações entre Ocidente e Oriente, principalmente se tratando de questões políticas e econômicas entre Estados Unidos e Irã.

O império do xá Mohammed Reza Pahlevi (1941-1979), um regime autocrático e repressivo, era alinhado aos ideais ditos desenvolvimentistas e modernizadores estadunidenses, um dos fatores que levaram os religiosos xiitas (os aiatolás) a liderarem o povo iraniano contra o regime ditatorial do xá. A partir de 1963, o xá iniciou uma séria de obras infraestruturais de grande escala em Teerã, capital iraniana, chamada pelo governo de “revolução branca”. Além disso, a abertura do país às economias estrangeiras, sobretudo a estadunidense, era vista com maus olhos pelos aiatolás e pela maioria da população, os quais entendiam as obras do xá e a crescente ocidentalização (construção de bares, restaurantes, cinemas e lojas de produtos) como práticas deturpadoras dos costumes e da cultura islâmica xiita.

Desta forma, tal alinhamento, entre os referidos Estados, foi sumariamente rompido. Resultado da emergência dos religiosos, devido ao desfecho dos intensos conflitos entre as forças armadas legalistas do regime autocrático e as massas lideradas pelos religiosos, o xá dos xás, como se auto proclamava, Pahlevi iria para o exílio em janeiro de 1979 primeiramente no Egito e posteriormente nos Estados Unidos, contudo, segundo ele, apenas de férias. Ele nunca mais voltaria a pisar em solo iraniano.

O contexto revolucionário iraniano supracitado auxilia-nos a pensar questões beligerantes atuais. Principalmente se tratando das relações Oriente x Ocidente e o Oriente Médio como vem sendo mediatizado nas últimas duas décadas, igualmente, levando em consideração os eventos recentes, a saber: Guerra do Golfo (1991), ataque às torres gêmeas *World Trade Center* (2001), invasão ao Iraque e Afeganistão (2003), o logicamente estabelecido levar-nos-ia a crer que sempre houve animosidades entre países ocidentais e orientais, sobretudo os do Oriente Médio.

Contudo, os Estados Unidos tiveram uma estreita e rentável relação com o Irã durante aproximadamente 40 anos. Tratando-se de trocas econômicas (petróleo e armas) e de auxílio técnico militar constante, o governo imperial iraniano foi um grande cliente da indústria de guerra americana, e, ao mesmo tempo, um imponente fornecedor de petróleo do para o governo de Washington. Essa relação se estreitou no pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945), onde os Estados Unidos ampliaram sua influência aos países que faziam fronteira com a extinta União Soviética. No caso do Irã, a aproximação estadunidense tinha um interesse especial, entre os fatores já referidos, o geopolítico.

Nesse período o estado iraniano fazia uma fronteira de 2500 km com o estado soviético, um importante e estratégico ponto de observação da URSS, no tenso período da Guerra Fria. Assim, o governo de Mohammed Reza Pahlevi teve total apoio econômico e militar estadunidense nos anos que esteve à frente do estado iraniano. Antes da revolução iraniana, cerca de 50 mil americanos residiam em Teerã, os quais eram técnicos militares ou engenheiros das petrolíferas multinacionais.

No alvorecer do novo regime, a teocracia islâmica, o novo governo foi capitaneado pelo líder e mentor religioso Aiatolá Ruhollah Khomeini, o qual administrou o país até seu falecimento em 1989. Em 04 de novembro de 1979, estudantes iranianos tomaram a embaixada estadunidense em Teerã, acirrando ainda mais as rivalidades da recém república islâmica iraniana e os Estados Unidos. Os estudantes renderam cerca de 70 funcionários da chancelaria, entre técnicos, seguranças e diplomatas. As negociações se arrastariam por 444 dias, até o desfecho, com a libertação dos reféns anunciada na posse do presidente americano recém eleito, na ocasião, Ronald Reagan em janeiro de 1981.

Esse evento, somado à revolução iraniana, tornou as relações entre Irã e Estados Unidos truculentas e com reações de ambas as partes. Por parte iraniana, as exigências para a resolução da chamada “crise dos reféns”, eram a reintegração imediata de valores, aos cofres iranianos, pertencentes ao xá, cerca de 30 bilhões de dólares, diluídos em imóveis e depósitos, ilícitos, segundo os líderes da revolução, em bancos norte americanos. Também queriam a pronta extradição do xá, como já foi dito, exilado nos Estados Unidos, para ser julgado nas leis da *Sharia* (lei islâmica baseada no Alcorão), e, além disso, entre as retaliações, o Irã cortou totalmente o fornecimento de petróleo aos Estados Unidos, e a outros países ocidentais, inclusive o Brasil. Do lado ianque, houveram embargos econômicos, políticos e o fornecimento de armas, equipamentos e treinamentos militares.

Em 1980, após o ataque a uma pequena embarcação japonesa que carregava uma bandeira iraquiana, Irã e Iraque iniciaram um conflito que perdurou por praticamente toda a década. A chamada guerra Irã x Iraque, no Golfo Pérsico, foi uma sangrenta batalha entre dois dos maiores produtores e exportadores de petróleo do Oriente Médio. Esse foi um dos vários elementos que motivaram a cobertura constante dos conflitos pela imprensa mundial. No Brasil vários periódicos reportaram os eventos oriundos do Golfo, assim escolhemos a revista semanal *Veja* para analisar a cobertura da guerra e as formas de transposição dos fatos ocorridos no início da década de 1980.

## **Paul Virilio, o pensador do instante e a Guerra Irã x Iraque: um estudo de caso em *Veja***

Como já referido, analisaremos duas edições de *Veja*, ambas foram capas do semanário. A edição 630 contou, além da capa, com sete páginas de cobertura dos acontecimentos ocorridos entre Irã e Iraque em outubro de 1980, inaugurando a transposição dos fatos. Essa quantidade de páginas era praticamente toda a sessão internacional do periódico, ou seja, deu-se grande importância para o evento. Se tratando de notícias do Oriente, nesse período, essa quase dedicação exclusiva é bastante significativa, o que por si só já provoca motivação para problematizar esse episódio da história recente das relações belicosas no Oriente Médio.

Já a edição 631, ou seja, sequencial a anterior, igualmente como capa, teve da mesma forma sete páginas dedicadas à cobertura do evento. Assim, em duas edições apuramos um “monopólio” das notícias internacionais em *Veja* com relação à guerra Irã x Iraque (1980-1988).

Uma das motivações aparentes para tal interesse sobre os conflitos entre os estados beligerantes se dá, em grande medida, pela questão econômica. Fica muito claro nos títulos, tanto da capa quanto nas reportagens internacionais que se trata da crise no abastecimento de petróleo mundial, explicando, portanto, o mérito dado aos eventos. O receio de um embargo ao Brasil, principalmente, acarretaria imediatamente em um aumento no preço do combustível nacional. Assim, rótulos como “mundo do petróleo”, “conflito que ultrapassa fronteiras”, entre outros jargões, são elementos que reforçam nossa hipótese.

Além disso, as relações diplomáticas entre Estados Unidos e os países do Oriente Médio são significativamente alteradas a partir dos resultados da Revolução Iraniana de 1979. Soma-se a isso o fato de o mundo estar, nesse momento, em uma disputa ideológica, econômica e geopolítica, por assim dizer, entre as ditas potenciais mundiais da época (EUA e URSS). Desta forma, toda relação com países próximos aos seus inimigos seria propícia para cada uma das potências, da mesma forma que fora para os soviéticos a revolução cubana em 1959.

Contudo, voltando ao nosso estudo, a edição 630, iniciaria problematizando a questão do petróleo, expondo as graves consequências do conflito entre Irã e Iraque.

Embora duramente golpeado, o Irã conseguira atingir a jugular econômica de seu agressor, obrigando o Iraque a suspender por completo suas exportações de petróleo. Não era pouca coisa. O Iraque é o quarto produtor e o segundo exportador de petróleo do mundo, com mais de 3 milhões de barris diários, e, junto com o Irã, opera quase 20% das vendas de combustível de toda a OPEP. Tudo isso seria um tanto remoto e abstrato para o Brasil se o governo brasileiro não comprasse ali 400 000 barris diários, algo como metade de suas importações e mais de um terço de todo o seu consumo – situação compartilhada por países

como França, Itália e Japão, que se abastecem em mais de 50% de suas necessidades petrolíferas no mercado iraquiano. Pela primeira vez, na recheada história das guerras no Oriente Médio, uma delas passava a ter reverberações sensíveis no Brasil. (VEJA, 630, 01/10/80, p. 31-32)

Normalmente, em uma guerra, os países procuram atacar elementos que freiam a economia dos seus inimigos. Isso tem um objeto claro, enfraquecer o oponente e desestabilizá-lo. Neste caso, segundo a própria revista, essa desestabilização não se dá apenas no caráter local, mas, sobretudo, mundial: a crise do abastecimento do petróleo para o ocidente, inclusive o Brasil.

Com relação aos aspectos diplomáticos, *Veja* salientava nesta edição que, mesmo com todo o poder de influência e, principalmente, um histórico de intervenções nas relações internacionais promovidos pelas grandes potências para resolução de conflitos, a guerra entre Irã e Iraque não seria mediada facilmente ou “automaticamente”, pois se tratava de um conflito com características que destoavam de outros enfrentamentos já observados na contemporaneidade.

Também pela primeira vez, um conflito de tão grandes proporções na região seguia uma trajetória própria, sem possibilidade decisiva de mediação ou confluência das grandes potências. Com isso, embaralhava-se por completo o tradicional jogo de alianças automáticas. Afora a constatação genérica de que tanto o bloco comunista quanto o ocidente receberam com satisfação variada a notícia de uma guerra contra o país do aiatolá Khomeini – inegavelmente um dos regimes mais detestáveis, incômodos e criadores de caso que o mundo contemporâneo já conheceu – era difícil precisar posições entre a hesitante comunidade internacional. (idem, p.32)

Segundo Paul Virilio,

A guerra, no sentido jornalístico, é a delinquência nacional elevada à escala de um conflito extremamente importante: a Guerra dos seis dias, a Guerra entre Irã e Iraque. É o equivalente dos “tumultos”, como as chamavam as sociedades antigas. Já não podemos sequer falar de guerras, elas são delinquências interestadas. É o terrorismo de Estado. (VIRILIO, 1984, p.33).

Assim, o autor apresenta uma visão de guerra que contrapõem o normalmente estabelecido, ou seja, Os “tumultos”. Na explicação do próprio autor, um termo referido aos conflitos que se davam na Antiguidade ou período que vai do Neolítico até os conflitos das cidades-estados na Grécia e Roma antigas. Assim, todo o conflito anterior a este recorte não era chamado de Guerra, mas sim de tumultos, posteriormente ao que o autor chama de invenção do Estado, os conflitos passaram a chamar-se guerra. Assim, a revista salientava que,



De qualquer forma, ninguém se arriscaria a apostar tudo numa vitória arrasadora de uma das partes. Embora Iraque e Irã tenham gastado a maior parte de seus petrodólares na aquisição de importantes arsenais bélicos, nenhum dos dois países havia testado suas Forças Armadas numa guerra total – em ambos os casos, a força militar costumava a ser empregada sobretudo contra suas próprias populações. (VEJA, 01/10/80, p. 32).

Porém, aqui queremos observar que a chamada delinquência interestados, são as motivações apresentadas pela própria revista para o conflito. Segundo *Veja*, o Iraque tomou a iniciativa de atacar o Irã dado a duas principais questões. A primeira pelo fato do Irã estar militarmente enfraquecido, uma vez que a os tribunais revolucionários aniquilaram a maioria dos generais das Forças Armadas iranianas, no período de transição regimental. A segunda, que tal ocasião seria um momento impar do Iraque para tornar-se senhor do petróleo na importante extensão geográfica que compõe a região do golfo Pérsico, responsável na época por 70% da exploração mundial deste recurso mineral. Outras razões poderiam ser elencadas, como o fator religioso, iranianos xiitas e iraquianos sunitas (árabes) e seus atritos seculares. Contudo, o que aparece no periódico são os elementos os quais foram aqui explicitados.

Para a Análise do Discurso (AD), elementos não apresentados não são meros acaso ou escolhas, mas os chamados “esquecimentos”. Estes esquecimentos compõem uma trama de circunstâncias na ordem discursiva ou em outra categoria da AD chamada “formação discursiva”. Na verdade segundo Orlandi, reportando-se ao autor francês Michel Pêcheaux (1975) existem duas forma de esquecimento. A segunda é da ordem da enunciação, e a primeira de caráter ideológico (Cf. Orlandi, 2007, p. 34). Trataremos aqui da primeira. Sendo assim, segundo a autora,

[...] o esquecimento número um, também chamado de esquecimento ideológico: ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo o qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existent. Esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significariam apenas e exatamente o que queremos. Na realidade, embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade. (Orlandi, 2007, p.34-35)

Tratando-se de ideologia, e como já sinalizamos *Veja* não esconde, apesar de tornar, por vezes, implícitas suas preferências quanto aos princípios ocidentais e, principalmente, norte-americanos. Assim, são recorrentes momentos em que o semanário vai ver positivamente ações iraquianas e negativamente ações iranianas. Neste caso, a iniciativas iraquianas ou motivacionais

para a guerra não são questionadas, mas sim, salientadas como plausíveis, contudo não determinantes para uma vitória.

### **Máquina-de-guerra: tecnologia a serviço da guerra**

Seguindo nossa análise, Virilio utiliza alguns conceitos com os quais pretendemos estabelecer um entrelaçamento, por assim dizer, do conteúdo de *Veja* acerca dos eventos já mencionados entre Irã e Iraque no início da década de 1980. A relação entre tecnologia, guerra e velocidade é constante em suas análises, desta forma, o autor apresenta uma “quantidade significativa de ideias que servem de instrumentos de investigação do espaço-tempo contemporâneo” (Morais, 2002, p.39). Entre as ideias apresentadas pelo autor destacamos neste momento o conceito máquina-de-guerra, segundo o autor, “a máquina-de-guerra, de destruição de massa, age a serviço do consumo massificado, provocando o não-desenvolvimento e o fim da cidade na crise da representação pública”. (Virilio, 1994, p.91). Importante salientar que a ideia de máquina é justamente a representação de velocidade expressa por Virilio.

Neste sentido, na edição 630, do dia 1º de outubro de 1980, *Veja* trazia em um dos trechos acerca das notícias do front de batalha iraniano a reportagem sobre os armamentos americanos utilizados pelo Irã contra o Iraque. Cita, em diversos momentos, os caças Phantom F4, salientando que são de fabricação americana. Em certo momento, na edição 631, datada de 08 de outubro de 1980, o periódico questiona como o Irã mantém seu poderio de defesa uma vez que não existiam mais relações militares ou de qualquer espécie com os Estados Unidos e que outros países também não estariam fazendo esse tipo de fornecimento bélico. Chega a mencionar que uma possibilidade seria o Japão e a Coreia do Sul, mas são especulações.

Do lado iraniano as adesões foram mais esparsas e, sobretudo, mais camufladas. Além de uma eventual colaboração de Israel, sabe-se vagamente que a Coreia do Sul e o Japão estariam enviando suprimentos bélicos para o governo de Teerã. Essa versão tem a vantagem de explicar, em parte, de onde os iranianos podem estar conseguindo recursos para continuar resistindo, quando pelos cálculos dos peritos já deveriam estar sofrendo do esgotamento e desgaste de seu armamento americano. (VEJA, 08/10/80, p. 42).

Inclusive, *Veja* utiliza, na edição 630, o termo guerra total, também discutida por Paul Virilio, neste caso, a revista sinalizava para o uso amador dos sofisticados equipamentos de guerra adquiridos pelos dois países, sobretudo o Irã, ao longo do Império do xá (1941-1979), assim, ridicularizava o conflito sem em momento algum reportar baixas humanas ou a situação caótica em

que a população civil dos países solapados pela guerra estava passando – voltaremos a esta discussão na sequência deste estudo. Desta forma, segundo a revista,

No caso específico de algumas batalhas aéreas da semana passada, acompanhadas pelas estações de radar dos vizinhos Kuwait e Qatar, esse amadorismo saltava os olhos. “Parecia uma batalha da II Guerra Mundial de tanto tempo que demorava”, conta um analista ocidental que observava um confronto de cinco aviões a 10 minutos de distância. “Em lugar de um ataque ultra-rápido, perfeitamente possível com esses jatos modernos equipados de metralhadoras que miram e disparam por meio de sofisticados sistemas de radar, os caças iranianos e iraquianos mergulhavam e giravam feito loucos à procura do melhor ponto de mira. Ou eles não sabem atirar, ou não sabem mirar”, concluiu. (VEJA, 630, 01/10/80 p. 32).

Neste sentido, temos também o conceito de guerra pura, na qual Virilio reforça o uso da tecnologia de forma desenfreada em nome de uma supremacia militar. Assim, a tecnologia passa a distorcer o ideal de progresso, normalmente vinculada a ela, para operar o transparecer o lado perverso da modernidade, na visão do autor, “os investimentos em tecnologia e forças de segurança nas grandes cidades e os discursos imagéticos de guerra na publicidade são exemplos significativos que corroboram a “produção da destruição” como modelo logístico de enfraquecimento da sociedade civil” (Cf. MORAIS, 2002, p.42)

A menos que esta guerra pudesse durar de seis meses a um ano, o Iraque, mesmo com sucessos militares pode ambicionar apenas a conquista da faixa de terra do estuário do rio Karun, onde estão, a pequena distância, Abadã e Khorramshar. Qualquer ofensiva ao norte, onde está Teerã (a quase 600 quilômetros da fronteira), tende de levar em conta um obstáculo mais forte que as Forças Armadas do Irã em qualquer tempo: a cadeia de montanhas dos montes Zagros, região árida e de acesso tão assustador que, em 5000 mil anos de civilização, foi ocupada apenas por pastores nômades. (VEJA, 630, 01/10/80, p.33).

Portanto, para Virilio é a guerra e suas representações de força operando na ciência e na tecnologia, deslocada da mediação do político, que conceitua a Guerra Pura, uma guerra não declarada que militariza corpos e consciências. (Cf. Morais, 2002, p.41). No caso da guerra entre Irã e Iraque, *Veja* expõe a tecnologia e o espaço-tempo do conflito quando menciona aspectos do aparato militar e as perspectivas de duração do conflito. Além disso, em vários trechos são mencionadas as questões geográficas favoráveis e desfavoráveis do embate entre os beligerantes. Assim, grosso modo, temos todos os aspectos apresentados por Virilio em sua obra.

Outro elemento debatido pelo autor francês é a banalização da guerra através da tecnologia. Nesse sentido, ao analisarmos nosso corpus de pesquisa, no deparamos com similar problemática.

Em especial, na edição 630, *Veja* omite em todas as sete páginas em que reporta os fatos do conflito a situação da população civil iraniana ou iraquiana. Limita-se integralmente a falar sobre questões ligadas ao armamento, capacidade militar, utilização de força, aspectos econômicos (petróleo), relações internacionais ou a geopolítica. Mas não é apenas o fato da omissão da população civil que torna a revista digna da análise banalizante que estamos tentando imprimir, mas, sim, quando ao relatar os armamentos fala das possibilidades de uso que não estão sendo cumpridas, como no trecho anteriormente relatado.

Assim, segundo Morais (2002), “a Guerra Total, tendo a tecnologia como sua premissa base, produziu a impessoalidade da destruição humana; é como se a morte perdesse seu significado sociocultural, pois o militar persegue alvos, pontos operacionais – a morte é um mero acidente no percurso da guerra”. (Morais, 2002, p.44). Reforçando o anteriormente dito, Hobsbawm (1995) já havia discutido tal elemento de banalização, contudo se tratando da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em sua antológica obra, *A Era dos Extremos*, segundo a qual, “[...] lá embaixo dos bombardeiros aéreos estavam não as pessoas que iam ser avisceradas, mas somente alvos”. (Hobsbawm, 1995, p.57).

### **A imprensa e os conceitos de velocidade, espaço-tempo e guerra**

Ligando a imprensa ao conceito de guerra pura, Paul Virilio, apresenta a perspectiva da imagem ou da produção de sentidos imagética presente nos estudos do francês filósofo-estrategista. Assim, para ele “a imagem pública substitui o espaço público com a colonização publicitária – o espaço onde se dava a comunicação social, as avenidas, as praças públicas, foram substituídos pela tele-imagem das máquinas de visão, capazes de ver e de perceber em nosso lugar” (Virilio, 1994, p.92). Esta ideia de ver e perceber está fortemente contida em *Veja*, cuja missão é fazer os leitores verem o mundo através do semanário.

Neste sentido, segundo *Veja* articula-se da seguinte forma,

[...] a primeira semana da guerra entre os dois países parece destinada a terminar com muita fumaça e grandes lances de propaganda ao lado de pequenos resultados militares. De concreto, há pouco mais que o óbvio: o fato de o Iraque ter ocupado um espaço, ainda pequeno, do Irã, coisa impensável há dois anos, e, como consequência, o fato de o Irã ter aprendido na carne o preço histórico da liquidação de boa parte do comando de suas Forças Armadas – além, naturalmente, de estar pagando o preço pela arrogância do xá que, entre outras coisas decidiu construir a maior refinaria de petróleo do mundo bem na fronteira com seu maior inimigo. (VEJA, 630, 01/10/80, p. 33).

O trecho acima reforça a ideia de publicização dos fatos em torno do conflito, estratégia muito utilizada pelo Iraque, segundo o semanário, para promover a comoção ou sensibilização da população iraquiana no combate. Segundo *Veja*, o próprio Saddam Hussein ia, com sua Mercedes Benz, aos bairros mais periféricos de Bagdá para inflar os brios dos iraquianos em prol da marcha contra o inimigo Irã. Ao citar o xá, *Veja* reforça que a queda do imperador é mais um elemento reforçador do conflito, como se inevitavelmente o Iraque deixaria de ingressar em um embate contra o Irã caso ainda estivesse sob a tutela do reis dos reis, como auto denominava-se Mohammed Reza Pahlevi. Neste sentido para Orlandi e a AD,

Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta já se está preso em um sentido. A compreensão procura a explicação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem. (Orlandi, 2007, p.26-27).

E resume,

Em suma, a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura. (Idem).

Na cobertura dos fatos da guerra, *Veja* trás vários objetos simbólicos que produzem uma série de sentidos. Para exemplificar, temos no trecho acima a preocupação exposta da revista com o presidente iraquiano mobilizando a população. Sabe-se, contudo, que Saddam Hussein tratou a população por décadas com desprezo e total descaso social. O que levaria um ditador iraquiano às periferias da cidade instigar seus cidadãos para a guerra? Mas em meio ao caos de um conflito, uma “mensagem humanitária” poderia enternecer os leitores do periódico? Por fim, a inevitabilidade do Iraque no conflito é fruto da fraqueza iraniana ou um momento propício para os EUA mudarem de parceiro em território pérsico?

Em suma, temos uma série de questionamentos, entre outras questões que poderiam ser levantadas em torno da problemática aqui apresentada. Não pretendemos responder estas questões e sim provocar o leitor para criar outras ou tentar chegar a uma hipótese plausível, mas nunca saberemos ao certo as motivações ou inclinações precisas que levam homens de Estado impelir suas populações “numa guerra de simulacros e banalizações e a esquizofrenia dos corpos por segurança,

iludidos por uma narrativa de “paz-total” na preparação infinita da guerra operada na tecnologia” (Virilio, 1984, p. 100).

### **Considerações Finais**

Procuramos, neste breve esboço, tecer algumas observações possíveis dos acontecimentos narrados por *Veja* sobre a guerra entre Irã x Iraque no início da década de 1980. Recorrendo aos conceitos e ideias de Paul Virilio e do instrumento metodológico da Análise de Discurso Pêcheuxiana, tentamos, presunçosamente, articular elementos dos eventos reportados pela imprensa no recorte apresentado nesta proposta textual.

Desta forma, pretendeu-se entender, como denominou Moraes, o trinômio “guerra/tecnologia/cidade para melhor compreender o papel na máquina-de-guerra em nosso cotidiano”. Isso porque, a imprensa faz parte do nosso cotidiano e nos (in)forma a luz de seus critérios de noticiabilidade, termo utilizado pelos jornalistas para compor as pautas nos periódicos, jornais e revistas.

*Veja* apresenta, nas duas edições estudadas a guerra a partir de um caráter do ter e não do ser. Dito de outra forma houve apenas a preocupação incessantemente na observação da quantidade de elementos bélicos que cada Estado possuía, menosprezando, quase totalmente, as condições da população civil. Nos poucos trechos em que se mencionava os civis, a revista apresentou um Box com o título “cenário cru”, aonde expõe brevemente questões do cotidiano iraquiano que, segundo o semanário, se mantinham inalterados, mesmo em meio aos bombardeios iraniano, “sempre ao meio-dia” (Cf. *Veja*, 08/10/80, p.40). A “guerra de propaganda” era mais reportada do que as consequências mortíferas dos conflitos.

A guerra vista do Iraque: a vida em Bagdá e cenas de algumas frentes das frentes de luta. Voltando de um terrível combate aéreo, o Mig iraquiano aterrissa finalmente numa base aérea de Bagdá. O piloto abre a carlinga, retira o capacete e a máscara de oxigênio, ergue o rosto – e, subitamente, põe-se a cantar uma canção patriótica. Esta era, na semana passada, apenas umas das inúmeras formas que a televisão estatal do Iraque, na sua guerra de propaganda, encontrara para contribuir com o esforço nacional de mobilização contra o Irã. (*VEJA*, 08/10/80, p. 40).

Desta forma, praticamente ignorava-se as condições humanas, ou subumanas em que a população de ambos os países estavam condicionadas. Outro aspecto não visto ou “esquecido” nas reportagens são as possibilidades de paz ou tratativas para tanto, a não as hipóteses de durabilidade

do conflito, desde que as ações, estratégias ou a precisão dos armamentos e da tecnologia de guerra. Tecnologia que era inútil, segundo o semanário, pelo amadorismo dos exércitos em batalha, uma vez que no passado eram operados por técnicos estadunidenses. Assim, sem a sapiência norte-americana, os iranianos, principalmente, não conseguiriam ser tão eficientes nem em seus ataques, quanto em suas defesas.

Para além de tudo que fora exposto acima, a grande preocupação, ao fim e ao cabo, parece se resumir nas seguintes questões: vai nos faltar petróleo? O combustível vai mudar de preço? É o colapso do mundo do petróleo? Sendo que, a nosso ver, as questões poderiam ser: quais são as possibilidades de promover a paz para este conflito? O que os países, ditos desenvolvidos estão fazendo para abrandar os beligerantes? Existe alguma missão humanitária sendo organizada para auxiliar com os feridos e para manter alguns serviços básicos para a população? Enfim, a guerra pura era o principal objeto de exposição do periódico, o que militariza o nosso cotidiano. Talvez, uma explicação viável seria por que naquele espaço-tempo reportado em *Veja*, não exista civilização como a ocidental, progressiva, moderna, cristã, mas apenas a barbárie, cuja sociedade é oriental, atrasada, retrograda tecnologicamente e islâmica.

#### **Referências:**

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia das Letras, 1995.

MORAIS, Ronaldo Queiroz de. Paul Virilio: o Pensador do Instante Contemporâneo. Contexto e Educação – Editora Unijuí. Ano 17. N. 65. Jan/Mar. 2002, p. 37-54.

ORLANDI, Eni. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

VIRILIO, Paul. Guerra Pura: a militarização do cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. A máquina de visão. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.